

A LINGUAGEM DA ÉTICA NA FICÇÃO DE J. M. COETZEE

Ana Maria Abrahão dos Santos Oliveira (UFF)
abrahao-ana@ig.com.br

INTRODUÇÃO

Percorrendo toda a história ocidental como indagação, e em especial, na contemporaneidade, o tema da ética suscita expectativas, crenças e desejos dos indivíduos em quaisquer lugares do planeta. A busca de valores, muitas vezes, traz à tona grandes discussões políticas, religiosas e de toda a ordem, traduzindo os estados de espírito dos indivíduos tanto no espaço privado quanto no espaço público, surgindo nesse ponto, as mazelas, as misérias humanas do cotidiano.

Como não poderia deixar de ser, na literatura, o questionamento dos valores éticos também surge com a força da ficção contemporânea, e aqui fazemos um recorte na obra do sul-africano J. M. Coetzee, com seus livros *A vida dos animais* (2002) e *Desonra* (2003).

Prêmio Nobel de Literatura em 2003, ao longo de sua carreira, Coetzee consagrou-se como um autor de obras complexas e dilacerantes sobre o seu país, após o fim do regime do *apartheid*.

Aborda com paixão e racionalismo a complexidade das relações humanas no mundo contemporâneo, transpondo para as suas narrativas, de modo mais insólito, os percalços de sua profissão (além de escritor, Coetzee é também professor). Explora a ficção como um espaço que problematiza a relação entre ética e estética, investigando a miséria, a dor e a solidão do ser humano, mostrando assim, como são frágeis os limites da ética e da dignidade do homem, além de estabelecer um elo com obras de importantes autores do cânone ocidental.

1. *Desonra: a ética no meio acadêmico*

(...) qualquer pessoa considera um homem que, sem sentir desejos ou sentindo desejos fracos, pratica uma ação desabonadora, pior que alguém que alguém que age assim sob a influência de desejos intensos, e considera um homem que desfere um golpe sem estar sob o efeito da cólera

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

pior que um homem que age assim por estar encolerizado; na verdade, que fariam pessoas deste tipo se estivessem sob o efeito das emoções fortes? (ARISTÓTELES, 1985, p. 141)

Para que haja conduta ética é preciso que exista o agente consciente, isto é, aquele que conhece a diferença entre o bem e o mal, certo e errado, permitido e proibido, virtude e vício. (CHAUI, 1994, p. 337)

Desonra (2003) é uma narrativa instigante, capaz de prender o leitor do início ao fim com sua trama densa e intensa. Relata a trajetória em queda livre de um professor universitário da Cidade do Cabo, na África do Sul – David Lurie -, um homem de meia-idade, solitário, erudito e acomodado. Nessa instituição acadêmica, impera o desinteresse pelos estudos de Letras Clássicas e Modernas, o que ocasiona a recolocação do professor, que passa, por essa razão, a lecionar Capacitação em Comunicações, mas que também ministra o curso Poesia Romântica, que é sua especialidade. Cogita escrever uma ópera sobre Lord Byron, mas não consegue levar o projeto adiante. Não se incomoda com a falta de interesse dos alunos por suas aulas de poesia, o que demonstra desde o começo, a postura profissional assumida pelo personagem.

Como não tem respeito pela matéria que ensina, não causa nenhuma impressão nos alunos. (...) Mas cumpre ao pé da letra as obrigações com os alunos (...) Ele continua ensinando porque é assim que ganha a vida; e também porque aprende a ser humilde, faz com que perceba o seu papel no mundo. A ironia não lhe escapa: aquele que vai ensinar acaba aprendendo a melhor lição, enquanto os que vão aprender não aprendem nada. (COETZEE, 2003, p. 11)

Lurie satisfaz suas necessidades afetivas em dia, hora e local previamente determinados com uma jovem prostituta cujo nome é Soraya. Aqui a narrativa de Coetzee dialoga com um clássico da literatura ocidental, *Madame Bovary*, de Flaubert, quando o professor, num grande devaneio, imagina como Emma Bovary se sentiria, se pudesse viver a plenitude do sexo de que falam os poetas, com ele, Lurie, que lhe ofereceria uma plenitude sexual moderada e não o relacionamento intenso que Emma tinha com seus amantes.

Mas Soraya dispensa Lurie e ele passa a ter um caso com uma de suas alunas, o que, para ele, não passava apenas de uma questão de oportunidade. Não obstante estar ciente das conseqüências que essa atitude poderia lhe trazer, o professor foi adiante em seus propósitos, até que é desprezado também pela jovem estudante.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Está voltando para casa uma sexta-feira de noite, pelo caminho mais longo que atravessa os jardins da faculdade, quando nota uma de suas alunas no caminho à sua frente. (...) Ele fica um pouco tocado por ela. Não é novidade: não há semestre em que não se apaixone por uma ou outra de suas crias. Cidade do Cabo: uma cidade pródiga de beleza, de belezas. (p. 18-19)¹

Após um breve e incerto relacionamento com a jovem, cujo nome é Melanie Isaacs, esta faz queixa contra ele na universidade. Acusado de assédio sexual, sua vida soçobra. Despreza os códigos politicamente corretos do meio acadêmico e é expulso da universidade onde leciona, por não aceitar o julgamento com as normas impostas pela comissão que o julga. Perante a comissão, assume-se como “culpado”, como “um escravo de Eros”, entretanto, rejeita a possibilidade de fazer a própria defesa e de se submeter ao que chama de aconselhamento. Não está disposto a retratar-se publicamente. De certa maneira sente-se “vítima” da sociedade, uma sociedade do espetáculo, que legitima a ordem dissimulada em detrimento de valores essenciais ao ser humano e que só valoriza os fatos que podem se transformar numa atração. “Estamos vivendo em tempos puritanos. A vida privada é assunto público. A libido é de digna de consideração, a libido e o sentimento. Eles querem espetáculo: bater no peito, mostrar remorso, lágrimas, se possível. Um show de televisão, na verdade.” (p. 79)

Segundo Aristóteles, em *Ética a Nicômaco*:

(...) o fato de todos os seres – tanto animais irracionais quanto as criaturas humanas – buscarem o prazer é um indício de que ele é de algum modo o bem supremo. (...) é evidente que se o prazer, ou seja, a atividade de nossas faculdades, não é um bem, a vida das pessoas felizes não será necessariamente agradável. Com efeito, para que necessitaríamos do prazer se ele não fosse bom? Ao contrário, as pessoas felizes poderiam até viver uma vida de sofrimentos. De fato, o sofrimento não será bom nem mau se o prazer não o for; por que então evitaríamos o sofrimento? Logo, se a atividade das pessoas boas não for mais agradável que a de qualquer outras, sua vida tampouco será mais agradável. (...) Mas pode haver excesso em relação aos bens do corpo; é a busca deste excesso que torna as pessoas más, e não a busca dos prazeres necessários, pois todos nós gostamos até certo ponto de deleitar-nos com iguarias finas, vinho e prazeres do sexo, embora nem todos nos deleitemos como devíamos. Com o

¹ A partir dessa citação de *Desonra*, mencionaremos apenas o número da página correspondente, visto que utilizamos a edição Coetzee (2003) referida.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

sofrimento, acontece o contrário, pois não evitamos os seus excessos, e sim o evitamos pura e simplesmente; com efeito, o contrário do excesso do prazer não é o sofrimento, exceto para as pessoas que perseguem o excesso de prazer. (ARISTÓTELES, 1985, p. 149-150)

Para Ricoeur, o conceito de ética pode ser concebido tendo em vista as relações de cuidado para com o outro. Desse modo, mediante o reconhecimento social do outro, é possível definir critérios que assegurem intenções de uma vida digna com o outro, em instituições mais justas.

O outro é, (...) assim, aquele que pode dizer *eu* como eu e, como eu ser considerado um agente, autor e responsável pelos seus atos. Do contrário, nenhuma regra de reciprocidade seria possível. O milagre da reciprocidade é que as pessoas são reconhecidas como insubstituíveis umas às outras (...) é o segredo da solicitude (...) o viver bem não se limita a relações interpessoais, mas estende-se à vida nas instituições; (...) a justiça apresenta traços éticos que não estão contidos na solicitude (...) Pode-se, com efeito, compreender uma instituição como um sistema de partilha, no que se refere a direitos e deveres, (...) responsabilidades e poderes, vantagens e encargos. (RICOEUR, 1995, p. 164-165)

De acordo com a conclusão de Lurie, a razão principal de ter sido julgado não foi o fato em si – o envolvimento com uma aluna –, mas sim por considerar-se um velho inútil que quis relacionar-se com uma mulher trinta anos mais jovem.

Julgado por seu modo de vida. Por atos antinaturais: por espalhar semente velha, semente cansada, semente que não fecunda, *contra naturam*. Se velhos comerem meninas, qual será o futuro da espécie? No fundo era essa a acusação: Metade da literatura versa sobre isso: jovens lutando para escapar do peso dos velhos, em prol da espécie (p. 215)

Torna-se um indivíduo renegado e a única saída que encontra é refugiar-se na fazenda de sua filha, Lucy, que após o fim doloroso de uma relação homossexual, cria flores e cuida de cachorros, contando com a ajuda de um empregado, o negro Petrus. A filha era a única pessoa com quem Lurie ainda tinha algum vínculo afetivo. Sem amigos, cai em desgraça e vê-se totalmente só.

Podemos dizer que o professor vive como um exilado, pois é, por forças das circunstâncias, forçado a se afastar de seu ambiente de trabalho e da vida acomodada que levava. Vive num estágio intermediário: não consegue se integrar totalmente ao seu novo ambiente, nem consegue libertar-se inteiramente do local onde vivia. Tem de aprender a sobreviver onde está.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Tal como o poeta inglês Byron – objeto de estudo do narrador - o professor também tem de fugir para tentar amenizar os efeitos da “manifestação de Eros” em sua vida.

Acusado de abuso sexual, à procura de afeto e sem um projeto concreto de vida, busca em sua filha um refúgio para a sua solidão. Porém, depara-se com uma realidade bem diferente daquela que conhece. Com Lucy, Lurie até poderia manter um relacionamento afetivo sincero e aberto, entretanto, não é o que constatamos ao longo da narrativa. Ele a sente distante, vivendo num mundo próprio, em que não há lugar para ele, o pai.

Lucy, que havia feito parte de uma comunidade hippie, vivia numa casa antes pertencente a grandes famílias brancas no tempo do *apartheid*. A vida em comunidade findara, porém ela ainda viveu algum tempo com a companheira Helen. Quando esta se foi, viu-se inteiramente só. Lucy era fruto de uma África do Sul pós-guerra e ainda com relações extremamente conflitivas entre negros e brancos. Lurie tem dificuldade de se reconhecer na filha. Os pais eram intelectuais e ela “esse retrocesso, uma sólida colona” (p. 73). Mas ele admite para si mesmo que a história de seu país talvez exerça um papel mais relevante na construção da identidade de sua filha que a herança genética e cultural.

Depois do fim do regime de segregação, após uma luta racial tão brutal, o processo de formação das identidades tornou-se lento e muito frágil. Lucy é violentamente estuprada por três homens negros e recusa-se a deixar o lugar, conformando-se com o que denominou ser a inversão de uma situação que durou muito tempo: o país foi colonizado por brancos – os ingleses, no caso da África do Sul, e esteve submetido ao regime do *apartheid*, que subjugava os negros (mais de 50% da população do país). Agora os negros a estupram e querem a sua terra, ela, que é branca, sendo aqui o símbolo do colonizador e também o da dominação branca no regime de segregação racial. Lurie sente-se impotente diante dos agressores e da língua que falam. Ele fala italiano e francês, mas isto de nada lhe vale na África negra, longe da Cidade do Cabo, longe da universidade onde lecionava.

Fredric Jameson, em *A cultura do dinheiro* (2001), problematiza a questão da língua:

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Veja-se, por exemplo, a questão dos idiomas no novo sistema mundial: serão todos iguais, e será que cada grupo linguístico produz livremente sua própria cultura de acordo com suas necessidades? (...) Vale ressaltar, ainda que, para muitas pessoas no mundo o inglês não é exatamente uma linguagem da cultura: é uma língua franca do poder e do dinheiro, que é preciso aprender e usar para fins práticos, e não para fins estéticos. (JAMESON, 2001, p. 49)

Lucy diz aceitar pagar o tributo, o preço que os negros lhe cobram e concorda em ser locatária em sua própria terra. Aceita até mesmo se passar por mulher de Petrus – a terceira -, se isso for garantia de segurança para ela e protege Pollux, um de seus estupradores, da fúria de Lurie, que tenta espancá-lo ao constatar que o jovem está morando na casa de Petrus. Este já não é mais apenas um sócio. Agora é o dono da terra. Ele conhece os homens que violentaram Lucy, mas ela aparentemente, não dá importância para isso. Petrus tem o seu novo “status”, o de proprietário, com direito a um conforto material que desconhecia até então. Uma pequena parcela da dívida histórica dos brancos para com os negros está sendo “paga”; pelo menos é assim que a filha de Lurie enxerga sua nova situação. Petrus recebeu o seu quinhão, o que lhe era devido. O professor quer que a filha deixe a fazenda, mas ela se mostra irredutível em sua decisão. Pai e filha veem a realidade de formas diferentes. Depois de uma conversa difícil, por meio de cartas, tentam dialogar, quando Lurie apela inutilmente: “Você quer se humilhar perante a história. Mas o caminho que está seguindo é o caminho errado. Irá despi-la de toda a honra (...)” (p. 182)

E Lucy responde, decidida, mas completamente entregue ao desalento: “Não sou a pessoa que você conhece. Sou uma pessoa morta e não sei o que me trará de volta à vida. Tudo o que sei é que não posso ir embora (...) o caminho que estou seguindo pode estar errado. Mas se for embora da fazenda, irei derrotada, e sentirei o gosto dessa derrota o resto da vida.” (p. 182)

Lucy está grávida de um dos estupradores. Para Lurie, eles não estupraram, acasalaram: “Não era o princípio do prazer que os impulsionava, mas os testículos, sacos cheios de sementes ansiando por se aperfeiçoar (...). Que tipo de filho pode nascer de uma semente daquelas, semente enfiada na mulher não por amor, mas por ódio, misturada caoticamente, com a intenção de sujá-la, de marcá-la, como urina de cachorro?” (p. 224)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Do início ao fim, a narrativa mostra a readequação e a flexibilização no âmbito profissional e também nas relações sociais dos indivíduos, o que é peculiar em países periféricos, como a África do Sul. Em *Desonra*, esses fatores acontecem tanto no meio urbano – as mudanças nos programas da Universidade Técnica do Cabo, local de trabalho do professor Lurie, que não tem outra opção, a não ser se recolocar – como no ambiente rural – transformações ocorridas devido às mudanças de conceito de propriedade e de produção agrícola, no caso de Lucy.

A prosa do escritor sul-africano mostra como a colonização inglesa que “evoluiu” para o regime do *apartheid* em meados do século XX, deixou como legado uma sociedade plural e heterogênea que busca reconciliação de etnias, de classes, através de profundas transformações das identidades.

Ao traçar subliminarmente um paralelo entre as agressões sofridas por Melanie e aquela de que Lucy foi vítima, o texto põe em jogo as diferentes formas de desonra e convoca o leitor a compartilhar de um cinismo complacente diante dos padrões morais da cultura ocidental. (...) A partir de um anti-heróico personagem, cuja experiência violenta de sobreviver nos padrões caóticos que predominam em seu país põe em xeque os valores éticos sob os quais a sociedade ocidental se erigiu, o autor apresenta o desértico cenário que contextualiza nossa contemporaneidade. (PARANHOS, 2006, p. 46; 48)

2. A vida dos animais: preconceito e/ou falta de ética?

(...) a simples existência da moral não significa a presença explícita de uma ética (...), isto é de uma reflexão que discuta, problematize e interprete o significado dos valores morais. (CHAUÍ, 1994, p. 339)

Coetzee, ao ser convidado a proferir uma conferência no Stanford Humanities Center, surpreende a plateia porque não faz uma reflexão acadêmica; ao invés disso, o autor, que também é ensaísta, procede à leitura de um relato em que uma escritora famosa e solitária faz uma contundente defesa dos animais.

Desse relato originou-se o livro *A vida dos animais* (2002), em que o autor questiona o modo como os seres humanos tratam os animais. Para isso, utiliza sua personagem Elizabeth Costello, uma

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

escritora idosa e solitária, vegetariana radical e veemente defensora dos animais que é convidada a proferir uma palestra. Surpreende a comunidade acadêmica, que esperava que Costello falasse sobre seus livros; no entanto, ela faz uma defesa contundente dos animais. A palestrante faz uma comparação que causa uma enorme perplexidade: compara o assassinato dos judeus no holocausto à matança dos animais e afirma que “foi nos matadouros de Chicago que os nazistas aprenderam como processar corpos. (...) e que no “grande discurso ocidental”, o que impera é a ideia do “homem versus o animal, o racional versus o irracional”, o que para Costello, significa a “rendição total” (COETZEE, 2002, p. 63-31), isto é, aceitar o abate dos animais como algo natural. Um de seus maiores opositores é o poeta judeu Abraham Stern, que tomado de profundo ressentimento, escreve a ela:

A senhora se apropriou indevidamente da conhecida comparação entre os judeus assassinados na Europa e o gado abatido. Os judeus morreram como gado, portanto o gado morre como os judeus, diz a senhora. Trata-se de um jogo de palavras que não posso aceitar. (...) Essa inversão insulta a memória dos mortos. Além disso, trata os horrores do campo de forma rasa. (p. 59)²

Como em *Desonra*, a narrativa dialoga com obras do cânone ocidental, como *Um relatório para uma academia* (1919), de Kafka, em que um macaco, Pedro Rubro, é levado da África para a Europa, onde decide tornar-se humano ou algo próximo do homem, ao perceber que essa seria sua única saída para não ter mais de voltar para uma jaula; além de mencionar títulos de poemas de Rilke e de Ted Hughes, como “A pantera” e “O jaguar”, respectivamente, em que os “animais representam qualidades humanas” (p.60); cita também Albert Camus, afirmando que o fato de o escritor, quando menino ter presenciado a morte de uma galinha, cujo pescoço foi cortado, teria influenciado o artista a escrever anos mais tarde, “um apaixonado ataque ao uso da guilhotina” (p. 76). Para Costello, a galinha “falou”.

Dessa forma, narrativa é permeada por uma opressão familiar, por um choque de culturas, pela dificuldade de conviver com a dife-

² A partir dessa citação de *A vida dos animais*, mencionaremos apenas o número da página, visto que utilizamos a edição referida em Coetzee (2002).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

rença. O próprio filho da escritora a descreve como uma mulher chata e desagradável.

Mas, em tempos de globalização, numa era em que surge um novo modelo de “eu” psíquico, caracterizado, sobretudo pela perda das ilusões, o que representa a diferença? Temos, portanto, uma trama que questiona o valor da literatura, a questão da diferença e a complexidade das reações humanas. Através da arte da linguagem, Coetzee nos faz atentar para as questões éticas.

Nos tempos atuais tem-se feito a apologia da negação da moralidade. Assim, em meio a todo esse cenário caótico, depreende-se que a literatura continua sendo uma fonte em que se pode recuperar a sensibilidade que falta à sociedade, uma fonte de reflexão indispensável, visto que toda a interpretação do literário recai no âmbito social e histórico (Cf. JAMESON, 1992).

É a ficção que se faz realidade a fim de denunciar as desigualdades sociais, culturais e econômicas e para questionar a própria existência humana. A personagem Elizabeth Costello, ao defender suas convicções, vê-se isolada e rejeitada tanto pela família (o filho, um professor de Física e Astronomia e a nora, Ph. D em Filosofia), como pelos acadêmicos que a convidaram para proferir as palestras. É julgada por suas palavras e por suas atitudes em relações a questões éticas, morais e políticas do nosso tempo, revelando, assim práticas e preconceitos da família e do universo acadêmico. Vejamos o comentário ácido proferido por Norma com relação à Elizabeth:

Você pode considerar sua mãe uma pregadora, se quiser. Mas olhe os outros pregadores todos e seus planos malucos para dividir a humanidade em eleitos e condenados. É no meio de gente assim que você quer ver sua mãe? Elizabeth Costello e sua Segunda Arca, com seus cães, gatos e lobos, nenhum dos quais, evidentemente, jamais cometeu o pecado de comer carne, para não falar do vírus da malária, do vírus da raiva, e do HIV que ela vai querer salvar, para repovoar o Admirável Mundo Novo. (p. 81)

Coetzee coloca como objeto de reflexão, seja filosófica, literária ou psicológica, uma maneira de problematizar os conflitos da natureza humana. O romance mostra a dificuldade que as pessoas “moralmente sérias” têm para expressar simpatia ou até para compreender a perspectiva dos outros, o que se revela, por exemplo, no embate entre a escritora Costello e a filósofa Norma. A personagem

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

faz relações que chegarão a um ponto que parece relevante: a dificuldade que os seres humanos têm de se colocar no lugar de seu semelhante, mesmo que a natureza permita esse gesto de abertura para o outro.

Em *A vida dos animais*, a personagem Elizabeth funciona como se fosse uma espécie de alterego do autor, Coetzee, um vegetariano convicto, diga-se de passagem. Desse modo, o ficcionista cria a personagem para dar vida às suas ideias, utilizando uma fina ironia para elaborar seus questionamentos. Lançando mão de argumentos excêntricos, a palestrante suscita uma importante reflexão sobre o papel do intelectual, especialmente no meio acadêmico. Há um embate entre a arte (a literatura) e a filosofia (Norma, a nora de Costello, é filósofa). Nos momentos finais da narrativa, a filósofa insiste na ideia de que a vida dela e de sua família voltaria a ser “normal” sem a presença da sogra, da velha escritora. Poderíamos inferir que a prosa de Coetzee nos lança um questionamento relevante: a vida voltaria ao “normal” sem a presença da literatura.

Inquieta, a personagem Costello provoca o descrédito de seus pares, mas isso não a faz desistir de seus objetivos. Mesmo assumindo o seu lugar, a sua parcela de culpa, entre os “graus de obscenidade” (p. 54) do comportamento humano (ela também utiliza acessórios feitos de couro, por exemplo), a escritora prossegue o seu trabalho. No fim da narrativa, confessa ao filho que gostaria de não se deixar abalar com as opiniões contrárias à sua volta, que desejava ter sentimentos diferentes em relação às pessoas com quem convive, entretanto, não é capaz disso.

Segundo Helena, numa reflexão sobre a literatura e a pós-modernidade:

A intervenção de Coetzee, caracterizada por um jogo de máscaras, vem carregada de sutilezas não apenas romanescas, pois revela outra face, ao sublinhar práticas e preconceitos mesquinhos do mundo universitário. *A vida dos animais* constitui ficção-limite na qual (...) discute-se o conjunto de valores que embasam a vida intelectual e acadêmicas contemporâneas. (...) Polêmica, a sua personagem Elizabeth Costello fustiga o academicismo e também critica o caráter de espetáculo da sociedade pós-moderna. (HELENA, 2006, p. 186-187)

3. Considerações finais

As ações éticas não só são definidas pela virtude, pelo bem e pela obrigação, mas também pertencem àquela esfera da realidade na qual cabem a deliberação e a decisão ou escolha (CHAUÍ, 1994, p. 341)

Tanto em *Desonra* quanto em *A vida dos animais*, o autor constrói personagens do nosso cotidiano, e, através deles, tece relações entre classes, entre homens e mulheres de diferentes gerações, com visões de mundo diferenciadas, entre pais e filhos, negros e brancos, entre seres humanos e animais, nos apresentando histórias em que emerge a complexidade das questões éticas na relação de cada indivíduo com o outro e com a sociedade em que vive, além de problematizar o valor da literatura e das relações no meio acadêmico, do qual, aliás, ele também é parte integrante.

Em Aristóteles, temos;

Estou falando da excelência moral, pois é esta que se relaciona com as emoções e ações, e nestas há excesso, falta e meio termo. Por exemplo, pode-se sentir medo, confiança, desejos, cólera, piedade, e de um modo geral prazer e sofrimento, demais ou muito pouco, e ambos os casos isso não é bom; mas experimentar esses sentimentos no momento certo, em relação aos objetos certos e às pessoas certas, e de maneira certa, é o meio termo e o melhor, e isto é característico da excelência. Há também da mesma forma, excesso, falta e meio termo em relação às ações. Ora: a excelência moral se relaciona com as emoções e as ações, nas quais o excesso é uma forma de erro, tanto quanto a falta, enquanto o meio termo é louvado como um acerto; ser louvado e estar certo são características da excelência moral. A excelência moral, portanto, é algo como a equidistância, pois, como já vimos, seu alvo é o meio termo. Ademais, é possível errar de várias maneiras (com efeito, o mal pertence à categoria do limitado (...) ao passo que só é possível acertar de uma maneira (também por esta razão é fácil errar e difícil acertar – fácil errar o alvo, e difícil acertar nele); também é por isto que o excesso e a falta são características da deficiência moral, e o meio termo é uma característica da excelência moral (...)) (ARISTÓTELES, 1985, p. 41-42)

Discute-se a ética num mundo marcado pela “liquidez” e pela fragmentação do sujeito, que tenta recuperar o “eu” perdido. O indivíduo não possui mais uma identidade estável, permanente. O ser fragmentado tem dentro de si vários eus, com “identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo constantemente deslocadas” (HALL,

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

2006, p. 13) Nesse contexto, surgem personagens como o professor Lurie, sua filha, Lucy e a romancista Elizabeth Costello, que são seres mergulhados na solidão e no desalento. Neste sentido, no romance pós-moderno, a fronteira entre o real e a ficção sofreu uma dissolução. Por isso, os personagens pós-modernos frequentemente são confusos em relação às suas ações e ao mundo em que estão inseridos.

A própria redução do problema da perspectiva à autobiografia, segundo uma personagem de Borges, é entrar no labirinto: 'Quem era eu? O eu de hoje estupefato; o de ontem, esquecido; o de amanhã, imprevisível?' Os pontos de interrogação dizem tudo. (...) Significativamente, podemos detectar uma preocupação com a 'alteridade' e 'outros mundos' na ficção pós-moderna. (...) As personagens já não contemplam como desmascarar um mistério central, sendo em vez disso forçadas a perguntar 'Que mundo é esse? Que se deve fazer nele? Qual dos meus eus deve fazê-lo?' (HARVEY, 2004, p. 46; 52)

Não obstante haver um ceticismo explícito na ficção de Coetzee, podemos entrever uma profunda sensibilidade para problematizar temas acerca da condição humana, da ética e do fazer literário.

Atuar sobre a realidade sem perder de vista um só instante o respeito pelo ser humano, não foi a isso que Nelson Mandela se dedicou por toda a vida? A defesa de uma ética que exerça o papel cada vez mais central na inteligência das nações pós-coloniais é também necessariamente o papel desta literatura. Essa nova utopia reside na diversidade do mundo e se opõe radicalmente ao dogmatismo e às noções de perfeição das antigas utopias. Se Coetzee, em sua obra, impõe seu olhar cético sobre o destino dos homens, é justamente a força de sua narrativa que desdobra este ceticismo em esperança. (PARANHOS, 2006, p. 54)

Nas entrelinhas da ficção de Coetzee, estão os problemas de uma sociedade corrompida pela violência e pela falta de ética. Os personagens são colocados em situações-limite e, a partir da análise das relações sociais estabelecidas entre eles, pode-se compreender os mecanismos perversos que regem as atitudes humanas na contemporaneidade.

Mais uma vez, de acordo com as reflexões de Helena:

A referência a Coetzee denota, portanto, o impacto da pós-modernidade na vida cotidiana (...) [o termo pós-modernidade] não equivale a um estilo literário ou de época, mas a um campo cultural triangulado, por sua vez, em novas coordenadas históricas. A primeira refere-se ao destino da ordem dominante. (...) A segunda consiste em uma tecnologia mediatizada pela ideologia. E a terceira aponta para um projeto po-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

lítico que toma o capitalismo, em fase de flexibilização da moeda, como a única possibilidade para a economia do globo. (HELENA, 2006, p. 187)

A ideia de ética, comprometida com o espaço público, em que o indivíduo está inserido, problematizada por Coetzee, nas obras analisadas, surge como pertinente reflexão sobre o sujeito que busca regras palpáveis para respaldar seus padrões de conduta. Para tal, importa escolher certos valores e aderir aos seus princípios; entretanto, há que se atentar para o compromisso e a responsabilidade para que esta escolha seja sustentada e concretizada diante das peculiaridades do cotidiano. O profissionalismo deveria ser pensado como a realização de tal objetivo na vida do dia-a-dia das instituições.

Pela complexidade dessa temática, poderíamos concluir refletindo sobre a concepção aristotélica da ética. Como a ética requer uma vida ativa, que é inerente à condição humana, o sujeito comporta-se como ser ético diante dos outros indivíduos. Não há como ser ético se não existir convivência com o outro, visto que é a esfera pública e coletiva que proporciona a expressão da virtude.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Trad. Adriano da Gama Kury. 4. ed. Brasília: UnB, 1985.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994.

COETZEE, J. M. *A vida dos animais*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

———. *Desonra*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Trad. Maria Elisa Cevasco e Marcos César de Paula Soares. Petrópolis: Vozes, 2001.

———. A interpretação: a literatura como ato socialmente simbólico. In: JAMESON, Fredric. *O inconsciente político*. A narrativa como ato socialmente simbólico. Trad.: Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1992, p. 15-20.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

HELENA, Lucia. O maior, no menor. In: HELENA, Lucia. *A solidão tropical – O Brasil de Alencar e da modernidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

PARANHOS, Licia Kelmer. Ousar pensar o futuro: uma análise da obra *Desonra*, de J. M. Coetzee. In: BUENO, André. (org.) *Literatura e sociedade – narrativa, poesia, cinema, teatro e canção popular*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2006.

RICOEUR, Paul. *Em torno do político*. São Paulo: Loyola, 1995.